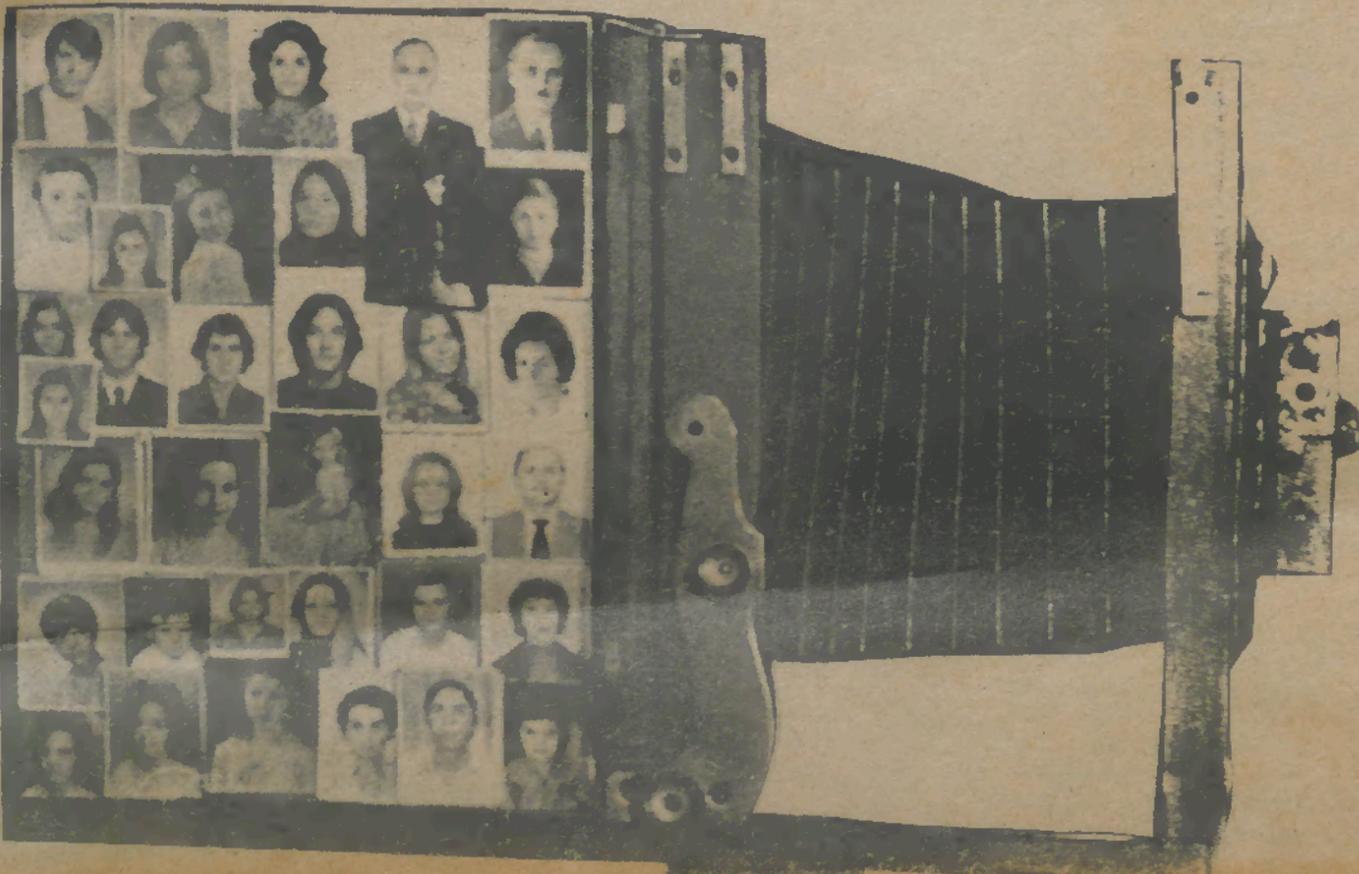


300 000 pg. + papel (1 semana)
Onde? Se podem? Na quando?



três por quatro

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 1972 — ANO 1 — N.º 1 — Cr\$ 0,50



**O BÁSICO
É UMA
BOMBA?**

(Página 2 e 3)

**QUEM É
O HOMEM
DO RÁDIO?**

(Página 13)

**A FEIRA É
DO POVO
E O LIVRO?**

(Página 11)

ESTAMOS AÍ

Discutida, combatida, rebatida, parecia que ficaria apenas nisso: uma idéia muito bem bolada, mas que «deu com os burros n'água.» Na hora dos «pegas» mais violentos, a gente esquecia que as idéias parecem morrer quando sob o impacto de opiniões contrárias e contraditórias, mas acabam sempre se realizando, enquanto existe vontade de «arregaçar as mangas e colocar mãos à obra». Pois é minha gente, «é preciso um esforço único e conjunto», todo mundo dizia. A essa altura as pessoas se cruzavam carregando dentro de si a marca da verdade irrefutável e solitária, porque era uma verdade de hora. Daquela que «punham a boca no mundo», reclamando conscientização e dedicação, nada se conseguiu ao chegar a hora de enfrentar os problemas da feitura do jornal. Na hora do expediente, a ação não

foi livre nem espontânea. A coisa funcionou mesmo na base do empurrão. Estranho as pessoas optarem pelo empurrão, não? Seria tão fácil descruzar os braços, Tendências masoquistas ou medo de mostrar as próprias deficiências? Bulir com essa gente, não mesmo. Apenas uma coisa: na vida é preferível curtir machucadura resultante da luta, do que amargar frustrações resultantes da covardia.

Enfim, estamos aí. Não sabemos quanto tempo vai durar. Mas enquanto existirmos, seremos fiéis aos nossos princípios. Tentaremos cumprir nossos objetivos, em cada edição. Não teremos orientação uniforme em termos editoriais. Aliás, isto é decorrência da própria condição do jornal, que é, antes de tudo, um laboratório de pesquisa jornalística. Enfim, estamos aí.

Teatro chega às Vilas

A idéia que se faz de um órgão público é geralmente impessoal, antipática e fria. É um preconceito parcialmente justificado pela burocracia excessiva que caracteriza esses trabalhos.

Mas a coisa está mudando. Tem-se notado ultimamente através dos jornais da Capital, a quantidade e a qualidade das promoções da SMEC, em especial da Divisão de Cultura. Trata-se de um órgão público preocupado em fazer, criar e levar algo de positivo ao povo.

O comentadíssimo projeto RECOM, como veículo de abertura cultural, leva recreação, educação e comunicação para locais e pessoas que normalmente não têm condições de frequentar um Teatro de Câmara, um São Pedro, ou mesmo um Salão de Atos da Reitoria. É preciso chegar aos bairros culturalmente marginalizados. O "Carrossel de Cultura" e a "Tenda de Cultura", ambos móveis, intercaladamente levam shows de música jovem, folclore, teatro para adultos e crianças, marionetes, filmes enfim, toda uma programação adequada ao público para qual se destina. Há também o Domingo no Parque, que se realiza sempre que o tempo permite, aos domingos, no Auditório Araújo Vianna.

Mas não é só este o campo de atividade da Divisão de Cultura. Uma série de peças teatrais, shows, exposições e festivais de cinema estão sendo realizados no Teatro de Câmara, com a colaboração de Embaixadas e Consulados. Caberia citar o Festival de Fotografia e Cinema Canadense de Curta-metragens, o Festival de Filmes e Fotografias de Ballet, a peça "Camões, Nosso Contemporâneo", com Walmor Chagas, "O Palhaço Imaginador" e "Pop, A Garota Legal".

Há ainda o setor de Divulgação Histórica e a Biblioteca, encarregados de fornecer material de consulta. Todo este conjunto de atividades demonstra a eficiência deste órgão destinado a servir o bem-estar público. Susana Sandemanni.

Arte: elite e desespero

Um papo com Danúbia Gonçalves, um artista da província, sobre a arte e suas implicações resultou nesta preciosidade:

— Poucos são no Brasil, os artistas que vivem exclusivamente de sua arte. No Rio e São Paulo podemos encontrar alguns entre eles Portinari. Em Porto Alegre, talvez, Chico Stokinger, uma vez que a pintura e a escultura são as únicas que em nosso país possibilitam lucros por enquanto, mas a tendência é melhorar. E há ainda o problema das galerias que levam trinta por cento sobre o valor das obras vendidas, e assim a arte passa a ser um investimento.

— O problema de mercado de arte está ligado às dificuldades criadas pelo pouco poder aquisitivo e pelo baixo nível de cultura do povo. Muitas vezes o pessoal que aprecia e mesmo entende de arte, gostaria de adquirir uma obra, mas não tem condições de comprá-la. Ou então os que podem adquirir, se as têm é por puro esnobismo, mais nada. Não entendem nem fazem empenho para tanto. Compram porque está na moda, para ter uma obra de fulano de tal. Porque é chique. Assim, diríamos que a arte é para uma elite. É visível que apenas uma minoria se preocupa com arte. Os desinteressados constituem a maioria, o povo, a massa. Aquela gente de baixo nível intelectual que gosta de um Teixeira ou de um Waldie Soriano.

— Para qualquer artista a escalada para o sucesso é difícil.

É trabalhosa demorada. Fazer algo realmente bom não é fácil, porque os meios de comunicação deram um outro sentido à criação. Ela necessita ser constantemente renovada, diferente. Precisa ser expressiva e comunicativa. É preciso um grande esforço intelectual do artista para criar, e do público, para entender. Eu vejo a arte com sendo uma canalização do homem à divulgação do que o artista espera de suas obras, para poder lhe render, além da satisfação,

algum lucro. Acredito que as artes plásticas numa morrerão. Nem mesmo diante do espantoso desenvolvimento dos meios de comunicação. A arte sobreviverá pela distribuição em série de obras de peso a um preço acessível.

— É absolutamente necessária uma intensa difusão da arte; transformá-la numa fonte de cultura, que deixaria de ser um privilégio de uma classe que a retém em casa, longe das vistas do público.



TRÊS POR QUATRO

Órgão do departamento de comunicação da faculdade de biblioteconomia e comunicação

UFRGS

Rua Jacinto Gomes, 540, 3.º andar

Professores Responsáveis: Sílvio Wallace Duncan; Léa Caddas Brenner; Joaquim Fonseca; Helena Lemos; Martha Azevedo & Laerte Martins.

Equipe de Alunos: João Gamboa; Nara Batisti; Ane Brígide; Carlos Porciúncula; Silmar Muller; Aldo Schmitz; Flávio Dutra; Helvio Schneider; Iraporam Vasconcelos; Jaurês Palma; João da Silva; Liane Leipnitz; Maria de Almeida; Maria Wagner; Nelson Ferrão; Oscar Flores; Rosa Silva; Scheila Ruschel; Velcí Tavares; Roque Boeira; Carlos Mossman; Ademar Sebben; Carmen Lima; Hilsa da Rosa; Leonilda Gonçalves; Lucia Kuhn; Maria Schenini; Maria Weber; Maria Rasia; Magda Montzel; Ricardo da Silva; Sérgio Ayala; Vera Rodrigues; Vera Paprocki; Ligia Dornelles; Luiz Carlos Lisboa; Ítalo (direito); Marieta Martins.

Impresso nas oficinas do Jornal do Comércio — Av. João Pessoa, 1282.

não sabemos se a superprodução e baixo consumo nos levará a tanto. Mas se isso acontecer, é certo que 80% dos leitores vão morrer de fome.



VAMOS ACABAR COMENDO LIVROS?



No mundo se edita anualmente cerca de 550 mil obras diversas, com tiragem de mais de 8 bilhões de volumes. A cada minuto um novo livro é produzido e faz com que o número de edições aumente anualmente em... 4% e a tiragem em 6%. Enquanto a população mundial dobra a cada 20 anos, a produção de livros triplica neste mesmo espaço. Mas ainda está longe de se tornar realidade a história descrita por Julio Cortázar no conto «Fim do mundo do fim», onde a humanidade caminha para o caos devido a excessiva produção de livros. Isto dificilmente acontecerá porque, segundo dados da UNESCO relativos ao ano passado, apenas um milhão e 200 mil habitantes tem acesso aos livros. Os Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Europa e Japão publicam 450 mil títulos por ano, com tiragem superior a sete bilhões de exemplares, representando 80% da produção mundial. Os restantes países ficam com apenas 100 mil títulos e um bilhão de exemplares.

A FEIRA

Uma chuvinha fina durante todo o dia 26 de outubro anunciou a 17ª Feira do Livro. A Feira e a chuva que a anuncia já são tradicionais na província. Leopoldo Bernardo Boeck, diretor da Livraria e Editora Sulina, diz que a Feira já pertence ao povo. Para os livreiros e editores, ele explica, a Feira não traz resultados econômicos imediatos, mas é uma maneira de promover o livro e criar o hábito da leitura. Este é o problema: como fazer evoluir o mercado de livros? Leopoldo Boeck aponta algumas soluções — Compete aos professores incentivar os autores brasileiros junto aos alunos, pois o problema não é de qualidade do autor nacional e sim de promoção. O crescimento do consumo de livros depende também do desenvolvimento do «Fundo de

Amparo ao Autor», uma das conclusões do recente Seminário de Literatura Riograndense. O certo é que os livros de ficção — romances, poesia, etc. não tem evoluído no mesmo nível dos didáticos. Estes são instrumental de trabalho e estão em ascensão. Já a literatura em si está em progressão vegetativa, devido a concorrência da imprensa, rádio, revistas periódicas, ou seja, leituras mais rápidas. Falta tempo para o homem dedicar-se à leitura por prazer.

Nos 20 anos que funciona como editora, a Sulina já publicou mais de 400 obras. Só este ano foram editados 37 títulos, tendo 17 a editar até o fim do ano. Todos livros de autores gaúchos ou sobre temas gaúchos. — Embora o sucesso como editora, Leopoldo Boeck acentua a atitude idealista da Sulina:

— O ramo de livros é suígeneris: é comércio e ao mesmo tempo não é. O livro tem missão propulsora do progresso. Por isso, o lucro que temos nos livros editados são reinvestidos em novas edições.

Na Livraria Sulina, além dos livros didáticos — os mais procurados por gente jovem — em literatura os mais vendidos são Erico Verissimo e Jorge Amado (em declínio), dos nacionais, e Arthur Haley, Slauther, Irving, Mario Puzo e Agatha Christie, dos internacionais.

CONTRASTE

Enquanto 13% da população europeia consome 45% das edições mundiais, a Ásia, com 56% da população do mundo, fica com a insignificante fatia de 20%. E a América Latina resta a ridícula percentagem de 2% do consumo mundial de livros. No Brasil são publicados 18 mil títulos anualmente, com tiragens que vão de mil a 100 mil exemplares. Os livros didáticos, cujo total de exemplares chegou a 50 milhões no último ano, representam mais de 80% da produ-

ção e consumo de livros. A esta constatação chegou Josefina Gama e Silva, a irrequieta gerente da divisão de livros da Livraria do Globo:

— Apenas 20% do consumo é literatura. Compra quem realmente gosta de leitura. É uma faixa pequena de público. Não se vende mais literatura porque ainda existe muito analfabeto. Outros só lêem dentro da sua especialização e outros simplesmente não gostam de ler. Leitura como recreação é difícil, porque a tv, cinema, esportes roubam o tempo da leitura. Além da Feira do Livro, que não tem resultados comerciais imediatos, o trabalho dos professores na escola é fundamental para criar o hábito da leitura. Outra solução: dar livros de presente. Temos que forçar o hábito da leitura.

Na Globo, como na maioria das livrarias, quem compra literatura são pessoas de meia idade ou velhas. Erico Verrissimo é o mais vendido dos nacionais, mas Maria Raja Gabaglia, Cecília Meireles e Mário Drummond de Andrade também tem público. Dos internacionais, na faixa dos «best-sellers» estão Mario Puzo, Haley e Hermann Hesse. De interesse permanente são Huxley, Henry Muller, Aghata Christie, Harold Robbins Helen Mac Intosh. A editora Globo, uma das mais antigas do Brasil, sempre se dedicou a produzir literatura, mas agora descobriu num novo caminho, editando livros técnicos na área da educação.

VOZES

Há quase dez anos, quando iniciaram as violentas reformas na Igreja motivadas pelo Concílio Vaticano II, a Editora Vozes, que acompanhou estas reformas, descobriu um novo mercado para o livro. A Vozes, ligada a ordem Franciscana, partiu para uma linha leiga em suas edições, sem no entanto entrar em choque com o setor religioso. Hoje, a Vozes se dedica mais às obras de

Como os escribas continuaram, os poucos leitores que no mundo havia, vão trocar de ofício e por-se-ão também de escribas. Cada vez mais os países serão de escribas e de fábricas de papel e tinta(...). Primeiro as bibliotecas transbordarão das casas, então as prefeituras decidem(...) sacrificar os playgrounds para ampliar as bibliotecas. Depois cedem os teatros, as maternidades, os matadouros, as cantinas, os hospitais. (...) Então sucede que os livros transbordam das cidades e entram nos campos, vão esmagando os trigais e os campos de girassol(...).

educação em alto nível: comunicação, filosofia, linguística, administração e psicologia. De literatura muito pouco. Os mais recentes foram João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes. A procura foi apenas regular. Enio Furlan, gerente da Vozes em Porto Alegre, explica a tendência para os livros para-didáticos da editora:

— Nós chegamos à conclusão que com a evolução da vida, da tecnologia, há crescente procura de especialização. Mesmo porque os livros didáticos revertem-se em lucro mais rapidamente. Só para se ter uma idéia, a política de mercado da Vozes está prevista até fins de 1974, no sentido do que vai surgir e do que vai ser lido. Esta política envolve uma verdadeira máquina: contatos, uma política elástica e sujeita a modificações.

Na opinião de Enio Furlan, esta política agressiva no mercado de livros e a própria mudança de orientação da editora, que provocou um impacto, concorreu para que a Vozes fosse eleita a editora do ano, pela Câmara Brasileira do Livro. Para ele, o mercado de livros só crescerá com a evolução do livro cultural:

— Vou usar o raciocínio de Mauricio Rosembiat (presidente de Honra da Feira do Livro): não adianta querer por a carreta à frente dos bois. Para vender mais é preciso que haja compradores. E eles só surgirão com a evolução do livro cultural. Por enquanto não existe condições culturais e o crescimento do mercado será natural em função destas condições. É isto que a feira do livro está tentando criar. Nela não há acréscimo nas vendas. Se houvesse a Feira seria o ideal em termos de comércio.

Segundo Enio Furlan (eleito diretor da comissão da feira do Livro), a Vozes lançou este ano cerca de 200 títulos, entre edi-

ESPECIALIZAÇÃO

ções e reedições. Por mês são lançados de 8 a 10 novos títulos com edições normais de três mil exemplares. Lançar mais do que isto é arriscado, diz Enio, por causa do encaixe; e menos encarece o produto. Dos autores lançados pela Vozes, Lauro de Oliveira Lima, com livros sobre educação, esteve pontuando as vendas, seguido de Dina Martins e Maria Helena Novas, com livros de psicologia aplicada à educação. A série de comunicação (Marcelo Casado de Azevedo, Marques de Melo e outros) teve a sua época, mas agora estacionou. Rose Maria Muraro, com livros sobre automação e futurologia, continua vendendo bem.

A Livraria Lima, embora vendida de tudo um pouco, é mais especializada em livros didáticos de direito, psicologia e filosofia. Por isso a maioria das pessoas que sobe até a seção de livros universitários, no 1º andar da Livraria Lima, é constituída de gente jovem, à procura de novidades nos seus campos de estudo. Em média 100 pessoas visitam a Livraria Lima por dia. Essa procura de livros técnicos compensa a falta de consumo dos outros, na opinião de Cláudio Bittencourt, da seção de livros universitários, que indica uma solução:

— Para vender mais livros é preciso baixar o custo. Se o pessoal lesse pelo menos um livro por mês, o livreiro poderia ter livros à vontade. Mas para isto é preciso criar o hábito e campanha educativas do tipo feiras de livros e ano internacional do livro são algumas das soluções.

A Lima também se lançou no mercado editorial, com edições em convênio com a Globo e a Sulina. As poucas obras editadas foram sobre educação e filosofia. E a Lima só não edita mais livros porque necessita de muito capital e principalmente espírito de aventura.



Elias: ...«Ser pintor é a pior coisa que existe no mundo»

NA SIMPLICIDADE DA PLANÍCIE A DIFICULDADE DA PINTURA

«O céu de Maçambará é tão imponderável que chega a ser um ato de fé. Não precisa explicação». Wanderley vai mudar seu atelier para a campanha, onde pensa encontrar um certo tipo de pureza, um certo tipo de solidão perdida não conspurcada por estas coisas todas». E acrescenta: «Lá a gente vai pintando e sentindo o cheiro de estábulo. Eu acho que vai me fazer muito bem. Não que eu seja acomodado, mas é que me convenci que sou um pintor passadista: ainda uso pincel e palheta, mas garanto que meus pigmentos não desbotam».

PRIVILEGIADO

Waldeny Elias considera-se um pintor privilegiado, «porque depois de 20 anos, mais precisamente, de dois anos para cá, comeci a viver da pintura. Nos anos anteriores andei por aí. Hoje, aos quarenta, chegou à conclusão de merecer um atelier distante, luxuoso, com quatro quartos de hóspedes e banheiros privativos. Um casa muito grande, toda branca, com telhado de capim santa-fé, pintado de vermelho e um alpendre fabuloso ao redor. Em Maçambará isto é um luxo. Bom papo, ele vai dando as pinceladas iniciais de uma personalidade audosa em todas as medidas, ao mesmo tempo em que denuncia uma natureza apegada, com um diferente sentido de interpretação da emoção. Waldeny Elias é profundamente singular como pessoa e pintor: «Talvez, se minha profissão fosse outra, eu deixasse o Rio Grande do Sul. Agora, por exemplo, estou com saudade do meu atelier e de pintar. Para mim, até o sentido de emoção ficou interpretado de outra forma, não é? Mas eu acho que não sou emocionado, sou um homem do cheiro da tinta, talvez com uma necessidade orgânica e física do meu atelier, que fica no Rio Grande do Sul. Eu já tentei montá-lo no Rio, em São Paulo, em Curitiba, mas nunca pintei. Só montava e ficava olhando, bem montado, bem bonito. Sentia-me bastante inútil e não sei qual era o meu problema, pois relacionamento humano, eu tinha. O que me faltava era, talvez, o cheiro, o contato com a terra ou quem sabe, este tipo de mística mentirosa, que no sentido atávico não existe, mas que sinto no Rio Grande do Sul».

Uma de suas primeiras fases era composta de fábrica totalmente negras, cinzas pesadíssimos, vermelhos quase ocrez. Na época, descia diariamente às minas do Leão, para colher material. Seu objetivo não era o de entrar em contato com o mineiro, com a filha ou mulher do mineiro ou para ver o lado negativo de suas vidas, mas para enobrecê-lo. Interessava-lhe justamente o que expôs: «Era assim que via a mina e as fábricas, que enquanto expandiam fumaça pelas chaminés e buznavam, havia sempre uma figura ao longe, chorando. Sempre havia um Cristo morrendo, mesmo quando ouvia a buzina das fábricas».

M E D O

Hoje, o pintor atingiu uma fase muito mais sentimental, quase chegando ao bucólico. Conceitos de beleza, antigamente desprezados, são agora compreendidos e valorizados por ele. Há 20 anos atrás, Waldeny Elias complicava as coisas, por ter uma vontade de querer ser mais artista do que ser realmente. Sua arte atual, que não deixa de ser um retorno «sui-generis» ao passado, ao mesmo tempo que é uma fuga à brevidade de sua vida individual, é também a busca de refúgio num tempo perdido e, de certa maneira, não vivido: «Eu tenho uma saudade imensa da minha infância, do meu tempo de jovem. Gosto muito de flor, mas há 20 anos atrás, não achava que era muito bonito eu gostar de flor. Gosto de ver uma folhinha nascer, gosto de sentir o cheiro da terra e vendo estas coisas em canteiros e jardins, pelos quais passo às vezes, descobri uma nova realidade: quem sabe este já é um primeiro degrau para uma prematura e incontida senilidade que vai se aproximando. Então eu me apego a estas coisas com muita saudade e talvez seja isto que dê aquela calma aparente à minha pintura». A condição bucólica da espacialidade, de silêncio e ternura estão diretamente ligados a ele e com as contingências que o cercam. Dentro dessas contingências, como homem mais ou menos esclarecido, «tanto por el bien quanto por el mal», e como dizia minha mãe: «jo te pari e las putas que te cuidem», vejo nestes objetos tanta grandiosidade, que percebo de um momento a outro a brevidade de minha vida individual. E isto me dá medos».

PICUINHAS

A decência de bom profissional não permite a Elias «sentar na minha cadeira, pegar o pincel e pensar em levar problemas e picuinhas para dentro da tela». Emoções e sub-emoções se renovam a cada pincelada, transmitindo o que sente, mas a tela nada tem a ver com seus «grilos». Ela é uma «coisa muito pura. Quer ser terminada e conclusiva com um ato de fé». Despojar-se diante dela antes de iniciar o trabalho é um dever, porque «a arte nunca foi paliativo de coisa alguma». E, considerando que geralmente o arroubo emocional é produto inevitável de uma neurose, Waldeny prefere ter em casa uma pintura muito bem feita, com um mínimo de emoção, do que uma obra exclusivamente saída dela. Acrescenta: «Todo neurótico pensa que é pintor», como tal lança-se à pintura, sem técnica e sem conhecimento pictórico. Em virtude disso, «muito moçoilo e moçoila descornados vão para o piano fazer composição. Isto nada tem a ver com a dor-de-corno, poesia, pintura ou escultura. Arte é inteligência, é saber usar o objeto para expressar uma linguagem que se tem em mente, com um material que se tem em mãos». O artista se diferencia do homem comum, justamente por isso. Ambos possuem poder de captação e ambos vêm e sentem um pedaço de rua, um vaso de flores num canto de janela, mas somente um

deles sabe usar o pincel. Em consequência disso, torna-se difícil atribuir «certo estado de espírito» ao pintor, no momento da composição. Sua verdadeira emoção pode estar muito bem dissimulada pela perícia no uso da tinta. «Se tu chegares na frente de um quadro meu», diz Elias, «e disseres que sentes uma tristeza imensa, direi: ótimo que te fiz sentir tristeza. Agora, se perguntares se no momento em que compus a obra estive triste, direi que não». Diante das planícies de Elias pode uma pessoa sentir-se inundada de paz, enquanto outra sofre com a solidão existente nelas. Elas são uma entidade. Não necessitam de ninguém e as emoções diante delas são diferentes, como são diferentes as pessoas. Dessa variedade surge a «pornográfica crítica, pois crítica já é ultrapassada». Baudelaire e Flaubert diziam: «Uma flor nada tem de beleza em si, nós é que fazemos a beleza da flor».

BRILHO DO TACHO

Ser pintor é bom? — Segundo Waldeny Elias, «é a coisa pior que existe no mundo. É a coisa mais chata, mais nojenta e vou dizer porque: é muito bom enquanto tu puseste 20 por cento do quadro aí dentro, mas de repente vês que a tonalidade não está boa e começa tudo de novo. As soluções são outras. Outra planície, outro universo, infelizmente com a mesma aparência. Bem, aí tu experimentas outra cor, mas ainda não é aquela e tu pensas: puxa eu tenho 20 anos de 20 anos de pintura e ainda não acerto a cor. Mas é evidente que nunca vais acertar. A dificuldade da pintura reside justamente na simplicidade da planície». — Em outras palavras, isto quer dizer que o aprendizado é permanente? — «Sim e continua sempre, sempre, sempre. Compreendes? Eu gostaria que visses o quadro que fiz do Gasparotto. Acho que ficou melhor que o da minha mãe. Acho que o da dona Maria vai ficar melhor que o do Gasparotto e assim por diante. Eu preciso fazer sempre melhor, pois vou anulando certos defeitos, de um quadro para outro. É muito fácil ser picareta, é muito fácil ser chutador. Tenho meios de deslumbrar muita gente pintando bodegões, grandes tachos com tal brilho, que se torna necessário colocar óculos escuros para olhá-los. Meu caso não é esse, pois não é o brilho do tacho que me interessa, mas a sua personalidade, sua coisificação e humanização, conforme a situação». — Personalidade do tacho e humanização da pessoa. Waldeny Elias não se limita a fotografar a pessoa, mas coisifica-a de forma a se tornar um elemento a mais na sua paisagem, o elemento principal, que nem por isso deixa de ser objeto. Sempre que retrata alguém faz três ou quatro esboços e despacha o modelo: «para não me fixar muito na forma». Concluído o esboço, a presença da pessoa atrapalharia a pintura, tornando-a provavelmente perfeita na técnica, mas fria. Segundo Elias, as pessoas se fixam pouco em detalhes. Difícilmente alguém saberá dizer qual o formato do rosto de seu amigo há 10 anos. «Nunca se lembrará, porque olhou simplesmente com os olhos, mas não com os olhos do coração».





UM LUGAR CERTO PRA' APLICAR DINHEIRO? COMO VAI INDO SEU INVESTIMENTO?

O FUTEBOL, O ÚLTIMO CARRO, A ECONOMIA, TUDO QUE FASCINA...



NO MUNDO ACONTECE TUDO. GUERRAS, DESFILES DE GENTES, CASOS INTERNACIONAIS.



OS MELHORES FILMES QUE ANDAM POR AÍ.

O PROGRAMA CERTO PRA' HOJE E PRA' AMANHÃ



E TEMOS AQUELA NOVA! A UNIÃO COM OS ALUNOS DA COMUNICAÇÃO UFRGS, PRA' BOTAR "TRES POR QUATRO" NA RUA



LER O JORNAL DO COMÉRCIO É CURTIR O FATO EM OFF-SET!



JORNAL DO COMÉRCIO

O FATO EM OFF-SET



Mina, viração, prostituta, meretriz, mariposa, arrastão, pistoleira, percanta, programinha, china, mulher de quadra, são algumas das denominações para as mulheres que comerciam o sexo. Algumas sofisticadas, outras vulgares. Reflexo de uma sociedade onde o sexo ainda é pecado; onde não são poupadas críticas a quem ousa romper com as regras estabelecidas. Mas alguém já procurou ouvir estas pessoas?

EU SOU UMA PROSTITUTA

Eu trabalho há cinco anos neste negócio. Aconteceu o seguinte: eu me perdi e meus pais não souberam me compreender e me jogaram na rua. Preferiram defender o rapaz do que a própria filha. Então eu vim para Porto Alegre e me atirei na viração. Minha família é de fazendeiros. Tenho quatro filhos e sustento todos eles. O de seis anos já está estudando. A gurria mais nova, com um ano e dois meses está com 17 quilos. Coisa mais linda: Ela foge, corre, já fala, coisa mais querida, tão linda... tão linda. O de seis anos estuda aí no colégio Sagrada Família. Eu moro sozinha com meus filhos. De dia eu cuido deles. Quando eu saio tem uma senhora que se encarrêga deles. Acho que não vai ter problema mais tarde quando eles souberem no que eu trabalhava. A gente sabendo explicar para eles o motivo, eles vão entender. Principalmente a mulher. Homem já é mais difícil. Se uma filha minha precisasse fazer o mesmo, como no meu caso, eu compreenderia. Se ela não precisasse seria um caso diferente do meu, e eu teria que lutar, entende? Eu lutaria prá não acontecer isso, mas se não desse e ela fosse maior, o problema então seria dela.

DEPOIS DE MOBILIAR O APARTAMENTO VOU PARAR

A polícia prende e levam a gente para a Cavalhada. A gente é bem tratada. Depende da mulher, também. Merecendo, ela é bem tratada, senão... Não ficamos com os soldados a não ser que a gente queira. Porque se eles recebem reclamação, a reclamação da mulher vale, entende? Eles vão se incomodar e podem ir prá rua.

Eu cobro 40, fora o quarto, pelo meu trabalho. Todas as noites, tô sempre na rua, inverno, verão, chuva, não tem problema. A base mínima do que eu ganho por noite é 130, 120, 80 até 70, às vezes. No fim do mês dá uns dois, três milhões. Sei lá. Olha, eu já consegui tudo o que quero. Agora só quero mobiliar meu apartamento. O apartamento é meu. Tenho também um carrinho. Depois de mobiliar o apartamento vou parar. Vou arrumar um serviço, até doméstica pode ser. Daí vou ganhar só para mim, entende, e pros meus filhos. Depois não interessa mais trabalhar porque eu já tenho tudo. Agora, de momento, prá mim arrumar emprego teria que ganhar um bom ordenado. Senão, não pagaria. Aqui se ganha mais.

EU SINTO REMORSO, CLARO, EU SINTO REMORSO

Já fiz três abortos. Eu tiro é com gotas... A gente vai no parteiro, ele tem um aparelho que bota dentro da gente e vai abrindo. Naquele aparelho vem as gotas, que ele larga até cair lá dentro. Mas dá uma dor! É pior que ter um filho. Daí a gente vai para casa, espera três ou quatro dias com aquela dor, aí vem o sinal, vem a sujeira, vem menstruação. Se não vier naqueles três dias a gente tem que voltar novamente. Aquilo dá uma DELATAÇÃO na mulher, mais DELATAÇÃO do que com sonda e a própria GESTÃO, né, de ganhar um filho.

O feto sai em casa mesmo. A gente bota as gotas e vai prá casa. Pode ir sossegada. Nesse caso a gente não pode fazer o enterro, entende? Botar no lixo a gente não pode. O que eu faço quando eu tiro meus filhos que já são formadinhos, eu enterro. Já tomei pilulas, mas me fez mal, eu emagreci, fiquei doente, me ataquei dos nervos, tudo isto. Aí eu fui no médico fazer exames. Me recomendaram aquele Primovulon... novulão, novular... uma coisa assim. Tomei, tomei e não adiantou. Fiquei mais doente. Emagreci que é uma coisa de louco.

Daí parei de tomar esse primovular e fiquei grávida foi quando eu tirei... Eu sinto remorso, claro, eu sinto remorso. Mas como é que eu vou ter mais filhos!

ABORTO É PIOR QUE TER FILHO

Tomava direitinho o remédio e fiquei grávida. Dá certo nas mulheres, mas com medo, né? Agora, essas pilulas aí, tá dando muito câncer, sabe? Sem pilula, de uma hora para outra eu posso tá inchadinha. Olha, o parteiro me cobrou 60 contos a primeira vez que eu fui botar as gotas, como não adiantou, eu fui botar mais e foi mais 60 contos. Eu acho caro porque o líquido ali não vai mais do que umas cinco ou seis gotinhas, se está com dois meses. Se é três meses vai um pouco mais. Prá mim é caríssimo. Eu sei, eu sei que é proibido aborto, mas nesse parteiro que eu vou a filha dele é estudante de medicina e ele é veterinário e parteiro também. Então, ele trabalha com isto. Se acontece alguma coisa ele é o responsável. Se eu ficar mal, qualquer coisa assim, ele me interna no hospital por conta dele. O aborto estraga muito a mulher. É pior do que ter um filho. Duas amigas minhas já morreram por causa disso. A primeira vez que eu fiz quase morri também. Baixei o hospital, fiquei uma semana internada só com sorro e sangue, soro e sangue. Fiquei três dias no isolamento da Santa Casa. Lá, eu disse que tava fazendo mudança e carreguei muito peso. Porque já tinha vindo o feto, entende, quer dizer, que vindo o feto a gente pode dizer uma mentira. Mas se não vem, eles chamam a polícia prá gente dar declaração e tudo.

Não, não conheço outros meios de evitar filhos. Só a pilula. Mas esse parteiro faz um tratamento de cinco anos prá mulher e nesse tempo a gente pode ficar tranqüila. O tratamento é INGESSADO... injeção. Tem que tomar injeções, 15 contos cada uma. Cada semana toma uma, na vagina, ali não sei onde, nas trompas, sei lá eu como é que é. INGESSA lá dentro, bota o aparelho e INGESSA. Eu nunca fiz. Eu acho vantagem, mas tenho medo. A mulher pode ficar estragada.

O QUE EU PEGO MAIS É VELHO, ENTENDE?

Cliente, o que eu mais pego é velho. E a maior parte é casado. Olha, eu pego velho até de 60 e poucos anos. Tem uns que não conseguem ter relação então partem prá uma coisa diferente. Os dias melhor de se virá é domingo, segunda e quarta-feira. Nesses dias eu ganho mais, não sei porque. Especialmente quarta-feira, então, eu ganho muito. Os rapazes que saem da casa da namorada, os maridos vem do cinema, deixam as esposas em casa e vem pegar mulher. O preço é sempre 40. Às vezes, se aparece um de carro e não tem 40 eu vou no carro também, mas sempre cobro adiantado. Prá mim nunca aconteceu nada de ruim por sair de carro. Graças a Deus. Mas já aconteceu com várias amigas minhas. Vocês sabem, né? Arrastão. Aparece um rapaz, a gente acha legal e embarca. Chega lá tem cinco seis, sete caras. Uma amiga minha da João Pessoa, uma vez quase mataram ela. Quebraram toda ela.

TEM MULHER AÍ QUE NÃO SE DÁ VALOR

Às vezes os rapazes falam com as outras que cobram cinco ou 10 contos e depois vem em cima da gente. A gente fala: é 40 "E eles dizem; "Mas essas aí cobram cinco. "Eu digo: "Bom, então o senhor pega a de cinco. Isto não é dinheiro, eu compro uma carteira de cigarros, gosto de tomar uns tragos e vai tudo".

Nunca fui convidada. Mas tem mulher minhas que vão. Vão por uma amiga que sai com saia com duas mulheres vieram falar e chamaram. Nós estavam bem, tudo bom?" Eu gramma com nós", Perg E ela disse: "É, eu disse: "Olha, eu não mandou chamar a "mãe de Corcei. Eram mulheres assim. Elas nunca então uma mulher e um

OLHA, BIXA NEM

Se viesse uma mulher sairia com ela. Se me cobrar 40 contos. Ia atirar ela é que ia trabalhar.

Olha, bixa nem olha mesmo prazer que nós Caixa D'Água vocês pai é tudo homem. Tem um touro. Bacana mesmo. zes entraram em cana seios e tudo porque ele já veio de nascença, é o

PADRE NÃO PAGA DIRETINHO

Tenho televisão, gramma infantil com os valcanti, é muito chato. mo é do Sílvio Santos, cinema, eu gosto muito, sozinha. O último filme "O Padre que Queria Ca O padre estava apaixonado. Não gostei. É, os padres por causa daquela coisa maradas, não pedem nada. São muito bacana pre me procura. É fre parece.

O nosso presidente nome dele. Bom, eu nu leio é a página policial.

Às vezes dizem prá a gente não acredita.

Eu fico contente chei muito bacana. Se também.

(Nelcira Neves de

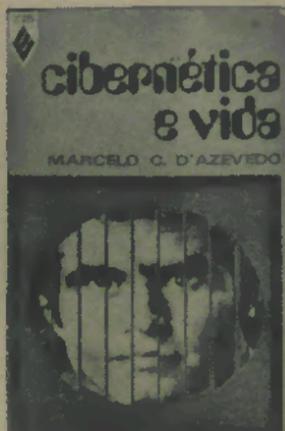
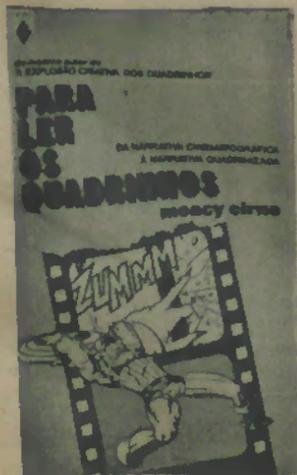


DESCONFIE DE SEUS OUVIDOS: CONFIRA COM VOZES

Para cada assunto existem as mais variadas opiniões.
 Você ouve tudo.
 Cada fato, modificado de acordo com interesses
 determinados, com uma aptidão estabelecida.
 O comentário distorce o tamanho, a cor.
 As pessoas mudam até de cara.
 Afinal, quanto mais longe da fonte,
 mais distorcida fica a mensagem.
 Você está por dentro e tem que saber todas as verdades
 de todos os acontecimentos, movimentos,
 descobertas. Assim é mundo. Leia Vozes.
 Um livro para cada ouvido.

 EDITORA VOZES

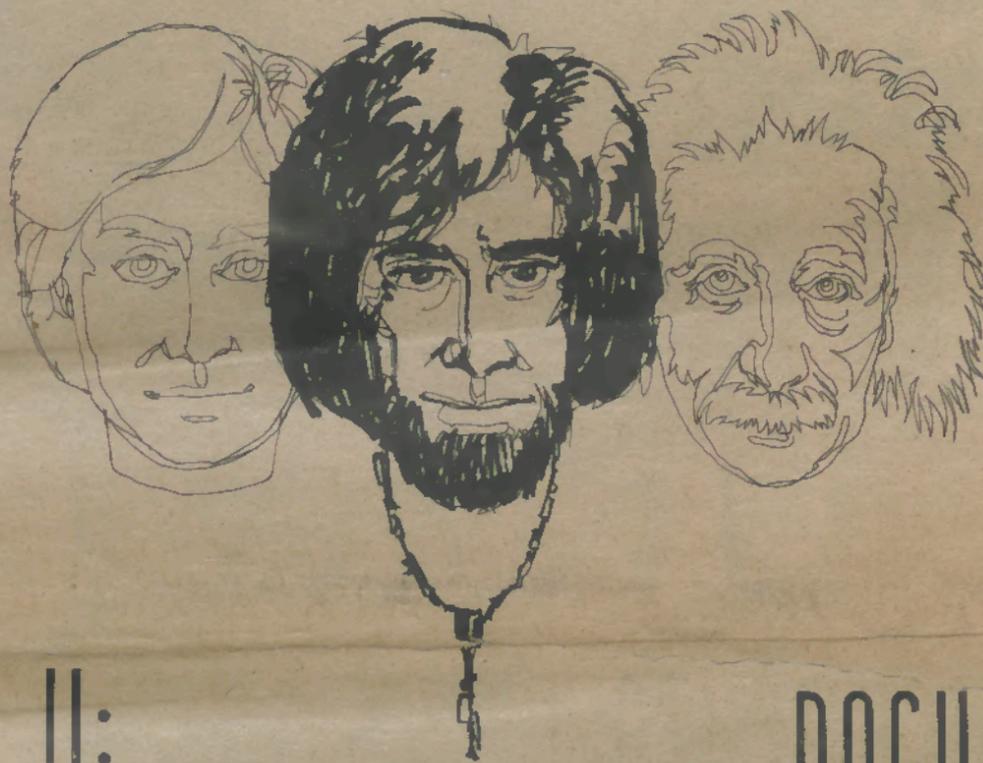
MINI-AGENCIA



Alunos do Básico ensinam
matéria errada a seus colegas
para atrapalhar a concorrência.
Uma loucura.



A GUERRA DOS MOBRALÓIDES



Reforma Universitária já fundiu a cuca de muito estudante desde que começou a ser cogitada, lá pelos anos de 66. Regulamentada em 69, numa relativa calma entre os meios acadêmicos, tornou-se realidade em 72, com a criação do I Ciclo Básico (ou «Mobral», como preferem chamar os estudantes) em algumas Universidades do país, entre elas a nossa.

E é isso aí. Agora todo o mundo estudantil só fala nisso. Contra e a favor, ao mesmo tempo, cada um relata suas impressões. Tem gente que achou «uma loucura»; outros, «um saco», mas isolam suas experiências pessoais negativas dos objetivos fixados pela reforma: «terminar com a picaretagem».

A verdade é que o tema causou uma violenta revolução nas idéias dos «mobralóides». Pelo que sacamos, ninguém sabe se o «mobral» funcionou. Foram «levados pelos caras»? Tiveram a «grande oportunidade de cursar disciplinas antes nunca imaginadas»? Foram iludidos? Estão recebendo aquilo que sempre desejaram?

DOCUMENTO II: MOBRAL

...picaretas no mercado de trabalho precisa ser reformulada. Por isso, a aplicação da Reforma Universitária dos tantos alunos que vive a aplicação da Reforma Universitária negativa, entretanto, pelo próprio vestibular: «o vestibular não dá certo. Acho que as coisas não gostam de fazer, como por exemplo, que se dedique às disciplinas...

...Vera tenha colocado como objetivo profissional, conclui: «não dá certo — horrível — causou reveses e mudavam muito: os conteúdos trocadas só para atrapalhar uma professora, que havia ganhado só para eliminá-los. — Uma...

...ela fala: «uma das coisas que me deu de escolher pelo sistema atual é simplesmente a profissão, mas concorrer para outra, de aceitar o remanejamento e sair da Universidade, por sua livre vontade, no ano seguinte. Mas, se eu quiser o curso que quero, diz Vera...

...Básico, será muito bom. Mas eu esperava e também não é possível concluir de sua vivência como...

...é bomba». Luis Fernando diz que o Básico (a que se refere como «Básico») algumas cadeiras na Universidade: «Não aprendi nada de novo, só serviram para nada. Já sabia de tudo, por exemplo, deram apenas a parábola de Portugal eram leituras de uma mãe para nós. Muito estranho: ela não entendia a matéria...

Continuando a explicar sua posição ele diz: «o I Ciclo é bom, mas para quem já tem vaga garantida. Aí sim é bacana. Agora, para quem não obtém classificação, é quase como ser levado pelos caras. Outra coisa: a classificação deveria ser por áreas para situar o aluno em suas aptidões; e as vagas, aumentadas para 100%, ao invés da metade oferecida. Então não haveria a concorrência que há, e a gente, poderia completar os conhecimentos ou anular as deficiências», sugeriu o aluno, para aliviar a carga negativa da experiência.

Mas Luis Fernando ainda encontra razões para justificar o Básico: «uma coisa boa implantada com a Reforma do Ensino, é a oportunidade de ser aluno especial e cursar várias matérias em faculdades diferentes. Enquanto isto, o cara não perde nada e ganha créditos». E acrescenta: «o que acontece, é que isto foi muito mal divulgado. Quer vem uma coisa? Cheguei aqui e falei que estava fazendo algumas matérias na Engenharia. Os caras perguntaram: Pô, como é que tu conseguiu? E este negócio».

«Eu pus todas as opções em Engenharia e fui dar em Jornalismo. Agora eu vou fazer algumas cadeiras na Engenharia. Não adianta o cara sair contra eles», desabafa Paulo Borges Fortes. E acrescenta: «o grande problema do MOBRAL é a história dos classificados e não classificados — quer dizer — o sistema de opções está errado. Coloca o cara num curso que não quer, numa faculdade com que nunca sonhou antes e completamente diferente daquela que ele quer».

Descontente, conformado, Paulo também justifica: «o que a Universidade propõe está certo. Tiveram que aplicar à bala, porque é a primeira vez, por isso não fizeram uma seleção melhor. A história dos 50% classificados, muita gente não entende, pois a Universidade não explicou o porque do I Ciclo. Mas eu entendo: é porque ela quer os melhores. Um dentista não serve se não souber obter um dente. Os cursos atualmente estão uma droga. Os alunos saem da Universidade com péssima preparação, não sabendo nada, daí a Reforma. Agora, tem muita coisa que com o tempo tem que melhorar, senão acaba com o Básico».

Preocupado, como todo o estudante, em entrar para a Universidade, ele encontra valor no ciclo Básico enquanto este «aumenta as possibilidades de ser universitário e dá um conhecimento geral. De outro modo, os não classificados estariam desligados da Universidade», afirma (sem lembrar que antes havia criticado o sistema).

DOCUMENTO III: A CHANCE?

«Este negócio de pensar em Vestibular como quem vai tirar o pai da força é perigoso. A gente acaba estourando antes de chegar lá» começa dizendo José Orlando Ciprestes, vestibulando, candidato ao Ciclo Básico-73. E continua: «O Vestibular é como uma loteria, por isso sou a favor do Básico. Acho que ele dá mais chance. Tá certo, muita gente vai cair naquilo que não gosta, mas mesmo assim, é mais uma chance, que antes não tinha».

«Estou no cursinho. Agora, certas matérias dispensei, porque acho que já tenho conhecimento suficiente. Biologia, por exemplo, gosto, entendo e não assisto às aulas, porque é uma perda de tempo estudar tudo de novo. Vou fazer Medicina na PUC e na UFRGS. Caso eu caia no 01 (Básico), paciência. Hoje em dia, ninguém pensa fazer aquilo que gosta, mas o que lhe garante o futuro. A gente precisa é se readaptar com a realidade da vida. Acho besteira os testes vocacionais; sinceramente, acho besteira. Olha, escolhi como primeira opção Medicina, em segunda Odontologia, terceira Veterinária, quarta Ciências Naturais. Agora, em 5.º e 6.º ano vou fazer Engenharia Mecânica e Eletrônica, porque trabalho nisto e conheço o campo financeiro da coisa. E, olha, desde que entre lá, tomara que caia no Básico».

Homero Luis Koberlato, aluno de cursinho Pré-Vestibular entra direto no assunto: — «O pior negócio que fizeram até hoje na Universidade Brasileira foi o I Ciclo Básico. Afinal de contas, o pessoal pretende fazer Medicina ou Engenharia e acaba em Direção de Teatro ou Artes Plásticas. E o fim da picada e não há saco que aguente. Tenho diversos amigos que caíram numa carreira, que jamais haviam pensado antes e, no fim, desistiram porque não aturaram aquela porcaria» E acrescenta:

«Todo mundo fala que o Básico prepara sobre problemas brasileiros, coisas deste tipo. Imagine, um candidato à Medicina perdendo meio ano só para aprender Problemas Brasileiros. Pô, isto é mané de cara. Entrar numa Faculdade é entrar na carreira escolhida. Hoje em dia todo mundo quer estudar. Como se diz: país desenvolvido é povo educado. A gente vê pessoas com 45 ou 50 anos querendo estudar, ser alguma coisa na vida e, nestas condições, não podem ficar dependendo de uma classificação».

— «Se eu passar no Ciclo Básico» continua Homero, «não faço. Tento Vestibular de novo, porque sou radicalmente contra. Cair em Eletrônica, Química ou seja lá o que for vai atrapalhar os meus planos. Nunca dará certo».

Parabéns formandos de 72. Vocês continuam tão duros como antes.

E agora?

Você sai da Faculdade com a cabeça cheia e o bolso vazio. Seria diferente se você tivesse poupado um pouquinho da mesada do seu velho. Sabemos que vida de estudante não é mole, mas procurar emprego com um dinheirinho é bem melhor. A FIN-HAB podia ter-lhe ajudado, agora vai ajudar seus futuros colegas.

Sabemos que a mesada é curta, mal dá para um chopinho no fim de semana.

Mesmo assim você pode economizar um pouquinho cada mês, além de ser uma garantia para o seu futuro, você ainda faz média com o velho.



ASSOCIAÇÃO DE POUPANÇA E EMPRÉSTIMO

Rua dos Andradas, 1206



MINI-AGÊNCIA



ta prá essas "festinhas" e eu não acei-
aí que não se dá valor. Tem amigas
que eu sei, eu vi. Por exemplo eu tenho
a mulher e com homem. Esses dias ela
res, entende? Eu sei porque as mu-
migo. Elas chegaram, pararam e me
nos entre três. E elas disseram: "Ó, meu
fisse tudo bom. "Queres fazer um pro-
guntaram. Com voces duas? eu disse.
esto muito de mulher e tal. E daí eu
te acerto nesse negócio. Ela então me
grinha" e a magrinha foi. Elas estavam
res bem vestidas. E aparece muita mu-
vem sozinhas. Vem duas mulheres ou
rapaz.

M OLHA PRÁ NÓS

her sozinha, dependendo do acerto eu
essem uma grana alta. Eu não iria co-
r de 100 prá cima. Se ela dissesse que
e dando os meus 100 contos, eu iria.
a prá nós. Mas eu acho que eles tem o
mulheres. Ali na 24 de Outubro, perto da
ssam por ali, pensam que é mulher, mas
a loirinha e uma morena que é um es-
São homens mesmo, porque várias ve-
om nós. Todos vestidos de mulher, tem
s fazem tratamento, né? Prá mim, isto
sexo que puxa, entende?

DE NADA DIFERENTE.

IO.
m. O que eu mais vejo é novela e pro-
neus filhos. Eu não gosto do Flávio Ca-
Nem do Chacrinha. Mas eu gosto mes-
porque é um cara simpático, é legal. Do
vou seguido com uma amiga, ou então
que eu vi, foi "O Padre que se Casou".
sar-se". Não gostei, achei, uma porcaria.
nado, mas não deu nem um beijo nela.
s nos procuram, sim. Eu sei que é padre
inha branca no pescoço. Eles são ca-
da diferente, conversam, pagam direi-
as. Olha, eu tenho um padre que sem-
guês certo, mas faz tempo que não a-

e? Prá falar a verdade eu não sei o
nca leio notícias de jornais. O que eu

gente que a gente é muito bonita, mas

em ajudar vocês em alguma coisa. A-
u fosse estudante faria uma coisa assim

Nascimento/Roberto Frey Prietto)





(O pessoal da pesada é ligado em fitas.)



O SOM QUE A PROVÍNCIA CURTE

Uma papo com os caras que compram disco e com os que ganham vendendo, apresentou um panorama não muito diferente do resto do País: os mais consumidos são de música popular brasileira. Discos estrangeiros, só se for da corrente "I Love You Baby"...

Para o público universitário, quem mais vende atualmente são os nacionais Vinicius e Toquinho, MPB 4, Elis Regina, Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda.

A preferência para os estrangeiros recaí em B. J. Thomas, Cat Stevens, Bee Gees, Michael Jackson, Jackson Five. Todos esses na categoria compacto, com B.J. Thomas e Pink Floyd nos dois extremos. Nos LPs quem vende mesmo são as trilhas sonoras de filmes e novelas.

A CURTIÇÃO

O pessoal da pesada que curte som mesmo, se amarra mais em fitas. Os importados vendem na proporção de um por 20 dos nacionais. Mas entre os universitários a venda decaí muito, porque predomina o sistema de empréstimo e trocas. Daí, é difícil as lojas faturarem em cima dos universitários.

Beto Planta, estudante de arquitetura que curte um som da pesada, fala sobre o mercado de discos:

— O negócio é que o disco no Brasil é muito caro, um artigo

de luxo. E a técnica brasileira de gravações e a aparelhagem são muito inferiores às estrangeiras. Então, os caras mesmo comprando discos não importados, preferem os de bonecos estrangeiros. Pagam o mesmo preço de um nacional, mas levam muito mais som. Com todos estes problemas, os caras que fazem música aproveitável aqui no Brasil, são obrigados a gravar uns troços comerciais para não perderem a chance. E lá no meio do disco colocam o que realmente eles gostam de fazer. Mas a gente não compra o disco só por causa de uma música. E assim eles são prejudicados.

TROCA-DISCOS

Aqui no Portinho tem uma loja ainda pouco conhecida e que é de grande importância, para os caras que andam duro e se amarram em discos. É a "Troca-discos", lá no 8º andar da Galeria do Rosário. Troca e venda de discos, evidentemente, é o negócio da loja. A variedade é grande, desde Carlos Galhardo até Bill Haley e Seus Cometas; de tangos a rocks; e até música clássica e erudita.

Os LPs são vendidos a partir de três e os compactos desde dois mangos.

AGORA FIC

A última edição (espera-se) do Festival Internacional da Canção parece que decretou a sua morte. Não conseguiu, este ano, que o pú-

blico, que nos outros anos já era evasivo, ficasse motivado de modo a justificar toda a badalação que o cerco (embora o slogan deste ano fosse "renovação sem badalação"). Aqui na Província os caras também não se ligaram muito. Mas sempre existem os obstinados e esperançosos que arriscam uma oitadela. Estes só resistiram até a fase Internacional. Beto Planta dá o seu plá de novo:

— Como musical é uma palhaçada. É um negócio de badalação e turismo. Mesmo porque esse negócio de festival de música, ou outra coisa qualquer com júri, não dá. Classificação é besteira, ainda mais com uns caras que não sacam o negócio. Há uma corrente que achou válido este Festival, pela inclusão de "Cabeça" de Walter Franco. Não deixa de ser, mas o negócio está mais para a demagogia com os caras ligados do que para abertura musical. Se "Cabeça" é uma grande experiência áudio-visual, não pode ser considerada música nos padrões que utilizam o dó-ré-mi.

UMA DICA

Um cara que há muito tempo vem fazendo música aqui na Província é Levitan, que recentemente participou do espetáculo "Camões, nosso contemporâneo": "Prá mim, esse negócio de disco é encarado como um artigo de consumo natural, apesar de ter se so-

fisticado e por isso mesmo ter encarecido. A música em Porto Alegre sempre está como sempre esteve. Mas atualmente existem maiores condições, tem mais público. Mas, mesmo assim..."

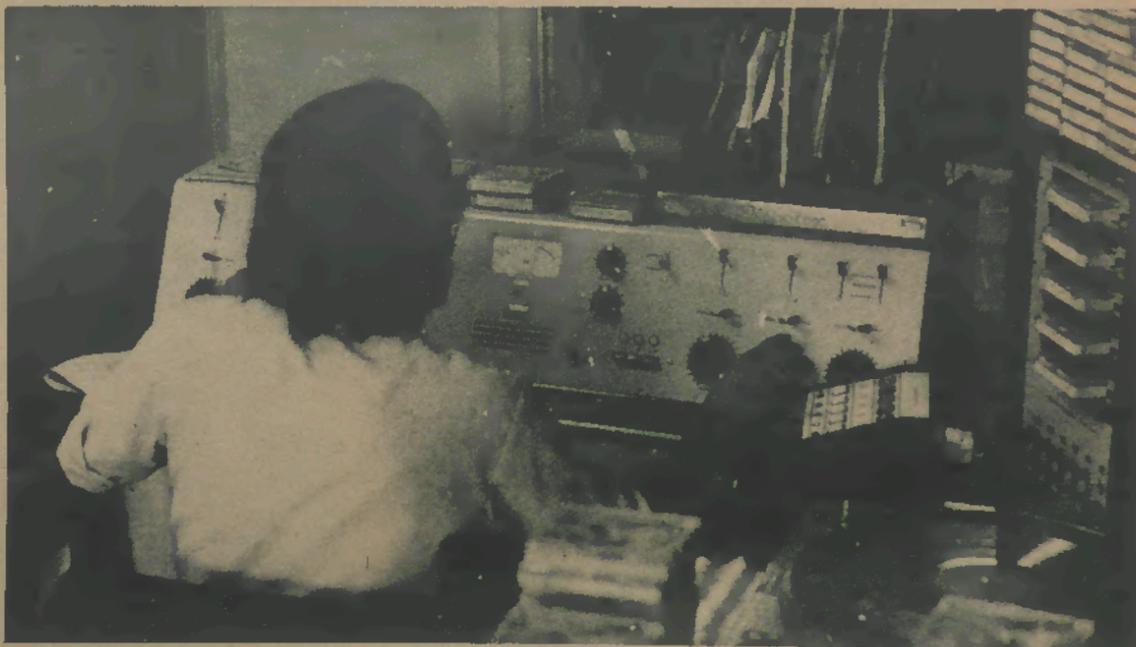
Levitam defende a liberdade de expressão o descomprometimento da música, e fala de influências: "Eu acho que o negócio é todo o mundo mostrar o que está fazendo. A minha música não tem compromisso com nada. Não assumo responsabilidade com o que faço. Tudo me influência. Tudo o que já ouvi, que fiz, que senti, mesmo o que tu queres que te influencie. E para mim não existe e nunca existiu músicas estrangeiras. Por exemplo, ninguém pode desvincular os Beatles do contexto mundial. Não dá para delimitar a música."

O que impede o crescimento da música nacional é o próprio conceito que se tem. Uma pessoa preconceituosa musicalmente não desenvolve coisa nova. O importante é assimilar a música dita estrangeira de modo que as pessoas aceitem da mesma maneira. O último negócio que eu fiz, esse com o Walmor e o Celso ("Camões...") foi muito legal. Primeiro porque tivemos equipe e segundo porque se conseguiu fazer música paralela à poesia, sem desvincular uma da outra". (Pesquisa de Suzana Aguinnsky e Paulo Lara; Texto Amauri Melo).

Quando chegar a hora de você bater na porta, com o canudo na mão, lembre-se que «nem tudo o que reluz é ouro.» O Rádio, por exemplo, ao menos para o bacharel em comunicação, anda meio por sobre o fosco.



RÁDIO: IMPROVISACÃO NO AR



O mercado de trabalho que aguarda o estudante de jornalismo é, sem dúvida, variado e amplo. Temos, só em Porto Alegre, sete jornais, três estações de televisão e quase uma quinzena de emissoras de rádio. Teoricamente, isto representa um bom mercado de trabalho. Essa perspectiva, no entanto, é bastante enganadora. Afóra a oferta cada vez maior de profissionais, em consequência de surto incontrolável de escolas de comunicação, existe um outro fator, talvez ainda mais importante, a agravar a situação: o desinteresse de certas empresas em se valer de profissionais qualificados, em favor de «picaretas» de todos os tipos. É isto, pelo menos, o que mostra a pesquisa abaixo, levada a efeito junto a um conjunto de maior popularidade: o rádio.

ITAI: A ABERTURA?

O «jovens que fazem rádio para gente jovem» da Itai parece que se conscientizaram agora que o mercado de trabalho para estudantes de jornalismo está péssimo. Estão dispostos a permitir uma abertura no sentido de contratar gente nova, mas numa campanha em que convocavam universitários não especificaram o curso desejado. Alegam que no curso de jornalismo tem pouca gente capacitada para as características da emissora, onde o IBOPE é quem manda. O locutor, o redator, o programador, enfim, toda a equipe é obrigada a lembrar disto durante todas as horas de trabalho. A programação não pode ser mudada, porque é dirigida para as classes C e D. Isto mantém a emissora em primeiro lugar na sintonia (há mais de cinco anos) e garante um bom faturamento. O cara que produz o «Aconteceu», que radiofoniza um fato policial por dia, recebe dois mil mensais. Milton Moreira, o seu nome. É estudante de direito. O nível geral de cultura do pessoal da Itai, no entanto, é baixíssimo. Um de seus locutores mais populares, segundo seus próprios colegas, não chega a ter o curso primário completo. É responsável por tremendos galhos na rádio, justamente por causa disto. Mas, em matéria de comunicação com o público, é considerado o melhor locutor da província. Isto lhe valeu inclusive um contrato com a Secretaria de Educação, para uma série de programas culturais. Talvez por isso, o cara que quiser ser locutor da Itai deve cair na frente do microfone «deslançando» perfeitamente. Paciência para formar bons locutores, nunca. No setor de notícias, funciona apenas um redator e não há interesse em colocar mais ninguém. Não existe jornalista formado trabalhando na Itai. Os mais antigos são registrados. Isto lhes basta.

CULTURA: NADA DE NOVO

A Cultura é uma emissora de pequeno porte. Gerenciada por Maria Helena, pertence ao mesmo grupo da Itai. A programação artística (onde se lê artística lê-se musical) é feita pela mesma moça que faz a da Itai. Na Cultura quem manda também é o... IBOPE. A Cultura está programada para o ouvinte na faixa dos 0 aos 18 anos, o tipo do público descomprometido com os problemas sociais que não lhe digam respeito diretamente. Por isto, notícia na Cultura, somente à noite, e de maneira superficial. Cabreira é o único redator dos noticiários. Ele não segue técnica jornalística de rádio. Prefere redigir em estilo próprio. No momento não há interesse em aumentar o número de redatores. O que interessa é renovar o quadro de locutores. Para tanto, basta uma voz bonita. Dição? Não é problema. A Cultura oferece um cursinho para os iniciantes. O curso não é corretivo, é orientador, no sentido de eliminar sotaques e outras coisinhas mais. A preferência é para pessoal que nunca tenha trabalhado em locução (dizem que os locutores vindos de outras emissoras são cheios de vícios adquiridos em função dos moldes daquela). O salário: 2 cruzeiro por hora. À noite há um acréscimo de 20%, pago como hora extra. Foi estudada a utilização da voz feminina, mas concluiu-se que não agradaria ao ouvinte.

METRÓPOLE, O CAOS

A Metrópole representa o caos completo em matéria de rádio e mais ainda em abertura para o jornalista formado. Não se trata propriamente de discriminação. É mais uma acomodação, por interesses financeiros. O papo do diretor:

— Não demitimos ninguém, porque seríamos obrigados a indenizar. A equipe da Metrópole é antiga. Recebe um salário fixo e tem direitos a trabalhos comissionados.

Gentil José Wenning é locutor e ao mesmo tempo corretor de publicidade. Com isto consegue um salário mensal de mais de 2 milhões. O funcionário da Metrópole só é desligado quando morre. Nenhum é formado em jornalismo. Alguns tem registro. A programação musical é feita por uma pessoa altamente capacitada, segundo o diretor. A luta também é em torno do Ibope. diz ele, porque a concorrência é grande.

FARROUPILHA, SEM ABRISCAR

As portas da Rádio Farroupilha estão abertas aos alunos da Faculdade de Comunicações. Quem diz isto é Marne Barcellos, da direção da Farroupilha. Mas ele também acrescenta que estagiário de microfone não existe, por-

que nenhuma escola do país dá condições ao universitário de sair e começar a trabalhar numa rádio. Segundo ele, um estudante de comunicações, mesmo com o diploma na mão, não pode trabalhar na técnica, na mesa de som, na manutenção, como locutor ou apresentador. O estudante pode ser bem aceito como locutor em qualquer emissora. Mas, diz Marne, se o cara quer ser um bom profissional, ele tem que começar numa rádio de pequeno porte. Na Farroupilha, por exemplo, que tem um alto índice de audiência em todo o estado, é perigoso. A Rádio não quer se arriscar. Atualmente nenhum universitário faz parte do pessoal da Farroupilha. Tempos atrás foi solicitado o ingresso de alguns universitários mas as pessoas visadas não voltaram e o assunto nunca mais foi ventilado. Marne Barcellos diz que a direção da Rádio Farroupilha, acredita na comunicação, nas grandes pesquisas de laboratório, necessárias por causa da concorrência. E acrescenta: «As portas da Farroupilha estão abertas às Faculdades de Comunicação».

GUAIBA, NO FUTURO

Na Guaíba atualmente não há possibilidades de oferecer qualquer tipo de estágio, devido a falta de espaço físico (existe apenas uma sala para redação) e pelo excessivo número de funcionários. A Rádio Guaíba instalou-se provisoriamente no prédio da Companhia Caldas Junior em 1957 e não aconteceu nada mais definitivo que este provisório, pois a emissora lá se encontra até hoje. Adroaldo Streck, gerente da emissora, diz que uma experiência com estagiários, em 1968, foi excepcional. Foram colocados cerca de 10 estagiários, dos quais seis se efetivaram e até hoje estão na Guaíba. Na época, eram exigidas quatro horas diárias remuneradas com salário mínimo. Uma nova oportunidade para estagiários surgirá somente daqui há dois anos, quando os novos estúdios da Rádio Guaíba estiverem concluídos, na rua Cristiano Fischer, próximo à PUC. Então, a Guaíba vai admitir pessoal com especialização definida, principalmente na área da comunicação.

UNIVERSIDADE, A MELHOR

O mercado de trabalho no Centro de Teledifusão Educativa da UFRGS (Rádio da Universidade), obedece às possibilidades de contratação permitidas pela Reitoria. A diretora da Rádio, Vacília Derenji, explica que há limitações de contratos em nível técnico-científico (nível 20 inicial).

Os estágios remunerados começaram no segundo semestre de 1968 e dos dois estagiários da época, um foi contratado.

Até o momento o número de estagiários contratados foi de dois, que recebem Cr\$ 1.044,00 iniciais. Mas em potencial, diz Vacília, todos podem ser contratados, desde que haja disponibilidade orçamentária. Mas não é só para a área das comunicações que a Rádio da Universidade abre estágios. Podem ser contratados também alunos da escola de Artes, como orientadores musicais, e da engenharia para o setor técnico. Os estudantes de comunicação normalmente ingressam no setor de notícias e produção de programas, recebendo de Cr\$ 144,00 a Cr\$ 264,00, conforme a carga horária de trabalho. Há possibilidade de ampliação dos estágios a partir do aumento da potência da emissora e ampliação dos serviços, tanto informativos quanto de produção de programas. A Rádio da Universidade não é uma emissora comercial, podendo, por isso, se dedicar exclusivamente à difusão de música erudita e programas culturais e científicos. Em recente pesquisa, seu índice de audiência atingiu 18% entre os universitários.

CONTINENTAL, DIFERENTE

Para integrar a equipe descontraída do «som nosso de cada dia», o cara antes de tudo tem que ser jornalista profissional ou estar cursando comunicações. As maiores possibilidades são no departamento de notícias, pois na locução e em outras funções depende muito da capacidade do cara e não do preparo universitário. No setor de notícias, dos 5 redatores, três são estudantes de comunicações. Na Continental não existe estágio. O cara já entra contratado, por indicação dos elementos da própria rádio. É preciso ter um molho todo especial para fazer o esquema da Continental. Por isso, recentemente, com a saída de um elemento, foi difícil encontrar outro que se adaptasse às condições da rádio, embora o grande número de interessados. O esquema no departamento de notícias é classificado ao mesmo tempo como compromissado, pelo dever de informar, e descompromissado pela maneira como informa. A remuneração é na base de 500 cruzeiros iniciais, por quatro horas diárias, cinco dias por semana. A tendência é ampliar-se o mercado na Continental, dependendo das condições do esquema. A Continental atinge uma faixa jovem de público, mais descomprometido, com uma programação de peso, embora a saturação ocasionada pela concorrência. Mesmo assim a Continental é uma das emissoras que melhor paga os locutores. Há possibilidades de mercado para estudantes também no departamento comercial. Mas estudantes de outros cursos nem adianta procurar que não terão vez.



FORMANDOS: PROCUREM SEU PRÊMIO APLUB NA SECRETARIA DE SUA FACULDADE

- A APLUB todos os anos homenageia os formandos, reservando para cada um o PRÊMIO APLUB. Procure o seu prêmio na secretaria de sua faculdade, enquanto isso, fique por dentro da APLUB.
- 1.º) - Como instituição de Utilidade Pública a APLUB não tem fins lucrativos. Os resultados são sempre reaplicados na expansão do patrimônio social e na ampliação de benefícios aos associados.
 - 2.º) - 200 mil pessoas são assistidas pelos seus planos de proteção e garantia do futuro.
 - 3.º) - A APLUB congrega os profissionais liberais portadores de diploma universitário em todo o Brasil.
 - 4.º) - A APLUB é privilégio das pessoas tranquilas, otimistas e de bom senso.
 - 5.º) - APLUB é proteção, patrimônio e segurança.



FUTURO MAIS QUE PERFEITO

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS
LIBERAIS UNIVERSITÁRIOS
DO BRASIL
RUA JÚLIO DE CASTILHOS, 10

MINI-AGÊNCIA

Cultura lateral

Walmor Chagas, Nosso contemporâneo



— Walmor, o que te fez abandonar São Paulo e vir para cá?

O motivo principal de eu ter saído de São Paulo foi porque aquela engrenagem estava me sufocando. Eu não estava mais criando coisas. Eu estava participando de uma engrenagem teatral de fazer espetáculo, fazer peça. Se eu não fazia peça ficava angustiado, pensava: «ah, agora o meu cartaz vai baixar, eu preciso fazer comercial, tenho de cobrar tanto quanto o fulano de tal, porque senão eu estarei valendo menos que ele. E agora, meu Deus do céu, eu preciso fazer esta peça, eu não gosto de fazer esta peça, mas se eu não fizer, eu vou ficar para trás. Faz seis meses que eu não faço peça...» Chegou a um ponto que eu não aguentei mais e resolvi mandar tudo pro diabo.

— Falando em peça. Camões...

Eu queria um contato com o estudante, e também queria recomeçar uma outra carreira noutro ramo, dentro do teatro, mas noutra forma de fazer. Daí resolvi pegar um público virgem, que ainda não estivesse manobrando por vários tipos de espetáculos, ou por teatro. Eu queria um público virgem de informação. Nele é que eu quis testar. Não num público sofisticado. Então, eu aproveitei o ano Camoniano e fiz esta peça. Foi a possibilidade que eu encontrei para entrar na escola e testar o tipo de coisa que eu queria fazer... reviver a poesia.

— Tu fizeste então este espetáculo pensando em nível estudantil?

Fiz a peça pensando em nível didático. A minha intenção foi reviver a palavra e a poesia. Eu acho que basta de gente dizendo: «ah, a poesia já era. É um negócio caratas. Não é nada disso. A poesia é um negócio fundamental. O momento mais alto da literatura brasileira sempre foi a poesia, nunca a dramaturgia. Nós temos mais altos poetas que dramaturgo. Eu não quero dizer com isto que o teatro não seja importante. O teatro é maravilhoso, e eu sempre vou fazer. Mas esta forma de teatro que é a poesia, é muito difícil. Você precisa de músicos muito competentes para que a poesia seja valorizada. É um desafio muito bom para um ator como eu que, de uma certa maneira, atingiu um certo estágio dentro do teatro tradicional, que eu sei fazer. E isto eu ainda não sei fazer, então isto é um teste novo pra mim próprio e eu estou pesquisando e me aprofundando. Estou entusiasmado e a minha idéia é fazer um quarteto musical e dar concertos de poesia.

— Como o público recebeu a tua peça?

Bem, muito bem. Todos assistiram interessados, comovidos.

— Levaste a peça para outras cidades. Quais?

Fora de Porto Alegre, eu fiz Niterói, Passo Fundo, Tapes e Getúlio Vargas. Estou com projeto de levar a Caxias do Sul, Pelotas e outras cidades do interior.

— E, financeiramente, valeu?

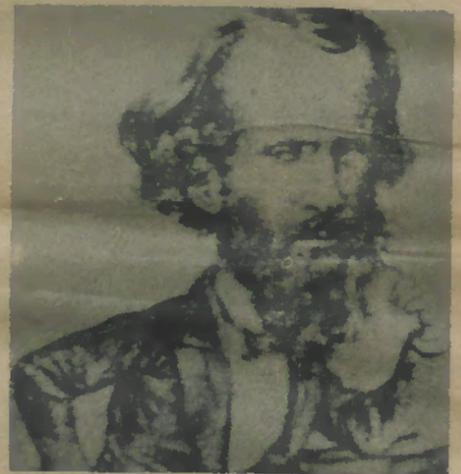
Como não se gosta com a peça, valeu, deu dinheiro. O gasto é muito pouco porque são só dois músicos, eu e um electricista. Nós alugamos um órgão e a prefeitura deu uma subvenção pra gente pagar as despesas. Quer dizer que, de uma certa maneira, o que entra é lucro. Não é nada de especial, é um lucro absolutamente modesto. É claro que não é um lucro excepcional, afinal não é uma peça que possa ficar seis meses em cartaz. Mais importante, pra mim, foi levar a peça a um colégio de Niterói, onde os ingressos foram vendidos a dois cruzeiros, porque conseguir comover aquela turma com poesia, eu acho um negócio maravilhoso.

— Algum projeto de montar outra?

Tenho. Eu hoje ainda estive vendo uma ode. Meu projeto é fazer Fernando Pessoa no mesmo estilo de Camões.

(Marieta Germani Martins)

Vazão e razão a Qorpo santo



Por volta de 1866 Antonio de Sena encenou três peças de Qorpo Santo, no Clube de Cultura: «Daí para cá», «Mateus e Mateusa», «As Relações Naturais» e outras peças de Qorpo estão no páreo das geniais do Teatro do Absurdo.

Qorpo era considerado louco e assim são todos os que resolvem seguir outro caminho qualquer fora do previsto, quem sabe mesmo ficou maluco tentando viver entre quem não o compreendia. Certa feita pendurou um laudo médico que o alforreava do estigma de débil mental e andou com ele no pescoço pela rua dos Andradas num ato de coragem digno de nota e que faz inveja a tantos corajosos que andam por ali.

Avançado para época — considerado extravagante, Qorpo não viu florescer seu gênio, a terra árida de 1866 não concebeu nada — nem poderia, a sociedade de então, chela de Moreninhas e Pata de Gazelas, não haveria de perceber o gênio do absurdo.

Recentemente mais alguma coisa foi descoberta: um livro de 200 páginas, outra parte da Enciclopédia e mais um livro de prosa e verso, no castelo de Assis Brasil em Pedras Altas, perto de Pelotas. O ótimo de Qorpo são as peças de teatro, tanto que na noite de estréia de Qorpo no Conservatório do Rio de Janeiro, Guilhermino Cesar chorou de emoção, não esperava o impacto de «Mateus e Mateusa», havia lido a peça mas eles estavam ali diante dele com muita força.

Aron Menda da SBT, recomenda o aproveitamento destas peças e aqui chamamos as Universidades, o Curso de Arte Dramática e a Prefeitura de Porto Alegre, para dar vazão a razão a Qorpo Santo (Dulcina do Bortoli)

A planta morreu no vidro. As idéias que não se libertam, morrem. Plantas, idéias e crianças precisam de vida. Por isso a Escolinha de Artes



EU FIZ O COR-DE-ROSA

Rosinha, criança. Mais: pincel, tinta e papel. Um descuido. O vermelho se mistura ao branco. Em plena atividade, a pequena descobre: «Mas eu fiz cor-de-rosa». Descobertas como essa são frequentes na Escolinha de Arte do Estado, onde toda manifestação infantil recebe só o estímulo das professoras. Nenhuma crítica. E Rosinha parte para outras, conquistando capacidades.

ENGANO CINZA

Em frente da Praça da Matriz, uma casa antiga de aspecto triste. Na fachada cinzenta, uma placa oval: «Escolinha de Arte do Estado». O painel colorido, que cobre a parede da sala de espera, desfaz o engano cinza. Penetra-se no mundo da criança. Os gestos adultos se inibem diante da espontaneidade desse mundo. A gente não se atreve a folhear o livro que está em cima da mesa; Ziraldo.

A educação através da arte, usando-a como meio de expressão, é um movimento recente no Brasil, iniciado pelo jornalista, pintor, caricaturista, homem de teatro, artista plástico e educador Augusto Rodrigues. No Rio Grande do Sul, onde o movimento teve maior aceitação, existem atualmente 10 escolinhas, cujo «maior objetivo», segundo a professora Francisca Duarte, assistente de direção da Escolinha de Arte do Estado, «é o desenvolvimento da criatividade». E acrescenta: «A gente não ensina. A gente proporciona atividades». A Escolinha fornece material e as professoras mostram como usá-lo, «embora não se interfira no uso deste material». A ausência de inibições na criança, permite-lhe a manipulação natural do lápis e da tinta e segundo a professora, «o professor que dá tudo pronto, corta a descobertas».

Uma equipe de 13 professores atende a criança da Escolinha, dividida em grupos de 10 a 12, durante quatro horas semanais.

DETALHE

Paulo, 22 anos. Idade mental entre sete e oito. Excepcional. Sua expressão artística é muito viva. Usa cores contrastantes e múltiplas. Sabe como fazê-lo. Um detalhe de sua criatividade: «a transparência. É uma característica da criança, que se preocupa sempre em manter o máximo de fidelidade na representação dos elementos, fazendo as coisas para dentro dela».

As casas de Paulo, além de fechadas, mostram, ao mesmo tempo, interiores repletos de móveis. Cada qual ocupando seu lugar. Em outras palavras, veste a figura humana, mas não esconde as particularidades de sua anatomia.

A Escolinha de Arte mantém funcionamento adequado para crianças normais. Segundo a assistente Francisca Duarte, «é preciso aprender a conhecer a criança para saber o que mais necessita em cada etapa de seu desenvolvimento». Os excepcionais são aceitos na medida em que podem participar e em que não exigem cuidados

especiais. Os mais profundamente atingidos não se matriculam, porque a Escolinha não dispõe de elemento humano especializado para atendê-los. Paulo participa. Por isso foi aceito.

FASES

A criança inicia desenhando riscos, passa às garatujas e mais tarde completa a forma. A primeira figura é a humana, com mais ou menos detalhes, conforme suas condições. A representatividade gráfica, posterior à fase da garatuja, aparece mais cedo para algumas e mais tarde para outras crianças. O professor deve compreender isso. A criança é totalmente livre, sendo condenável apressar suas fases. «Uma professora não pode exigir da criança em fase de garatuja, a ilustração da fase representativa», diz a professora. E continua, citando o francês Arno Stern: «A arte não entra na criança, sai dela.» Ela manifesta as emoções no desenho e através dele conta suas histórias, quando incapaz de verbalizá-las. Uma simples sugestão pode inibi-la. Em vista disso, «é bobagem dar tema à criança», diz Francisca Duarte. Nenhum professor critica o produto de seu trabalho. Isto a torna segura e fortalece seu ego, permitindo-lhe extrair das próprias forças a compensação, quando mais tarde estiver em ambientes tradicionais, onde a educação através da arte não tem continuidade. «Uma capacidade conquistada, embora não adequada.» As dificuldades não a expõem momentaneamente, volta à tona no momento dessa capacidade, que está dentro dela.

CAMINHADA

Toda a petizada trabalha. Gabriela completa a forma da casinha e pára. Mãozinha no queixo. Não sabe continuar. A professora sente sua insegurança. Conversa com a menina, mas nada sugere como solução: Gabriela deverá encontrar essa solução dentro de sua própria criatividade. «Na Escolinha ela aprende que uma caminhada pode ser feita de várias maneiras», acrescenta a assistente. A criatividade desenvolvida não é específica. A arte é usada dentro do campo da pedagogia, como meio educacional e não para formar artistas. A criança será criadora em qualquer situação e em qualquer profissão. Não é necessário que seja no terreno das artes plásticas. Continuamente novas sensações são exploradas por ela. Identifica sons a partir da batida do próprio coração e desenvolve o sentido musical dentro das qualidades naturais. Os instrumentos não são usados.

Em março a Escolinha de Arte do Estado iniciou um curso para adultos. Ao todo somam 12 pessoas, de diferentes profissões e sem experiência anterior. «O adulto tem dificuldades, porque a auto-crítica funciona violentamente. Em vista da carência de expressão que não seja a verbal, o trabalho inicial é em grupo, impedindo o comprometimento individual. Isto elimina inibições: «O vizinho vai achar feio».

-veja a AMAZÔNIA de perto!

3 SAIDAS DO RIO E SANTOS

- 28 DE DEZEMBRO
- 23 DE JANEIRO
- 17 DE FEVEREIRO

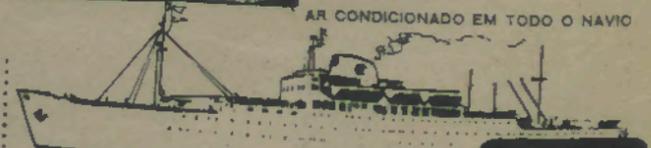
FABULOSO CRUZEIRO MARÍTIMO

a bordo do luxuoso "CRUISER" GREGO N/M "ANKONA" • 1.ª VEZ NO BRASIL •

26 DIAS de encantamento, pela costa brasileira e rio Amazonas num cruzeiro inesquecível até Manaus, com escolas e excursões em SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA • BELEM.

- Luxo e conforto. Aristocrático tratamento dos armadores gregos
 - Categorizada cozinha internacional.
 - BOITES • PISCINA • CINEMA
 - "DECKS" DE ESPORTES • PLAY-GROUND
 - SALÕES DE JOGOS • BOUTIQUES
 - CABELEIREIROS • BIBLIOTECA
- É mais: ZONA FRANCA - Onde o seu dinheiro voa o triplo.

AR CONDICIONADO EM TODO O NAVIO



INFORMAÇÕES E RESERVAS AQUI

MELHOR E MAIS EM CONTA PREÇOS, desde: 3.900, PRESTAÇÕES, desde:

Provincia Turismo e Viagens SA

Empresa do Sistema Financeiro Provincial
Registro nº 24/RE 261/08 Cat. «A»

Matriz: Av. Senador Salgado Filho 121 - Fones: 24-2244 e 24-2292 - Telex 025-207
Endereço Telegráfico: FROVINTUR - Cx. Postal 2128 - Porto Alegre - RS
Filial: Av. Rio Branco, 156 - 1.º Andar Loja 223/224 - Telefone: 223-7267
Rio de Janeiro - OB.

REFERÊNCIA

Não pode sair da Biblioteca

SOLIDÃO



LFV

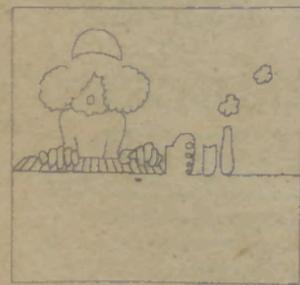


LFV

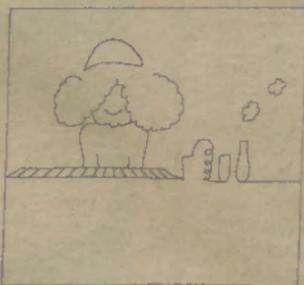
ONJOUR NOQ SÊR

LUIZA E ANGÉLICA

LUIZA



MINHA MÃE DISSSE QUE ANTES DE EU NASCER, O MUNDO JÁ EXISTIA.



CLARO QUE JÁ EXISTIA, PRA ELA.



PORQUE SE EU NÃO EXISTISSE, O MUNDO NÃO EXISTIRIA PRA MIM.



LOGO, ELA SO EXISTE PORQUE EU EXISTO.

Luiza não é gente. É uma cabeça trabalhando e abortando teorias e limites. Luiza foge do caos (ou do que pensa ser o caos) e por isso vive dentro da caixa. Dentro da caixa tem um piano e um laboratório e outros instrumentos que servem para analisar matéria e idéias.

Luiza pensa que tudo no mundo segue sua teoria da lógica universal. A música, a física, a matemática, o amor, os sentimentos, deus e o diabo são coisas perfeitamente catalogáveis, analisáveis e ajustáveis entre si. Não há contradição no mundo de Luiza ou na cabeça que é Luiza.

Luiza não é gente. É uma fase. Luiza é a ciência, a verdade e a luz. Sabe tudo e não sabe nada. Não sabe ao menos que tem muito medo. Luiza não sabe que no fundo do poço tem uma porta e que até lá, "it's a long way".

Luiza finge não ouvir o chamado do caos.

Finge não saber que a realidade é móvel e que por isso sua teoria é furada. Finge não sofrer quando vai ao mundo exterior ou quando o mundo exterior vem a ela, apesar da segurança da caixa.

Luiza vive dando voltas e voltas dentro da caixinha. O que Luiza não sabe de mais grave é que essa caixa é muito pequena. Um dia ela vai crescer e a caixa vai explodir. Até lá, oremos por Luiza. Ou não.

Angélica não é mais só uma cabeça. Ela tem medo sabe que tem medo.

Angélica ouve o chamado do caos, porque sabe que no fundo do poço tem uma porta. Angélica sabe das coisas. Sabe que é maravilhosa, que anda maravilhosa, ou não. Angélica é um inseto e um anjo. Não existe. É uma abstração. Quando vocês virem um objeto não identificado cruzando céus de anil não se assustem. É a Angélica. Ou a não Angélica.

Nunca orem por Angélica. Ela comprou um bilhete sem volta. Está num caminho de ida. (Milena)